

A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA É COSMOLÓGICA

Remi Schorn¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

RESUMO:

Toda a filosofia importante visa compreender o universo, suas relações e nosso lugar nele, é cosmológica. Enquanto entidades de conhecimentos, constituímos nossa subjetividade na imbricação com os problemas e teorias de nosso tempo. Nessa objetividade teórica comum a todos os humanos a filosofia conjectura acerca da relação entre eternidade, perenidade e transformação. Sua missão é problematizar e relacionar criticamente nossas teses com as teorias vigentes nas mais diversas formas de conhecimento particular. Trata-se de encontrar o mote relacional entre tudo o que há, verticalmente, entre o todo e as partes, e, horizontalmente buscar perceber a identidade da existência singular. Com base nisso, nossas escolas atuais necessitam de um sopro de informalidade e respeito ao que querem os estudantes, o apego ao conteúdo preestabelecido elimina a reflexividade e inibe a criatividade tornando-se desinteressante e tedioso além de desconsiderar que todos somos filósofos. As aulas de filosofia não devem ater-se ao ensino formal do que pensaram os mortos quando vivos. Trata-se de partir dos problemas que causam inquietações teóricas naqueles à quem a educação pretende atingir e alcançar a reflexão filosófica apoiando-se nas conquistas da tradição de forma que nenhum conteúdo seja apresentado como se tivesse valor em si. Desde que há filosofia ela se constituiu como resposta universalmente válidas para problemas objetivos de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Informalidade; Reflexão e criatividade.

THE PHILOSOPHICAL EDUCATION IS COSMOLOGICAL

ABSTRACT:

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Rio grande do sul – Brasil. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Paraná – Brasil. E-mail: remirs@hotmail.com

Every major philosophy aims to understand the universe, their relationships and our place in it, is cosmological. While bodies of knowledge, constitute our subjectivity in overlap with the problems and theories of our time. In this theoretical objectivity, common to all human philosophy conjecture about the relationship between eternity, continuity and transformation. Its mission is to critically discuss and relate our theses with the prevailing theories in several particular forms of knowledge. This is the motto of finding relational everything there, vertically, between the whole and the parts, and horizontally seek to realize the identity of the singular existence. Based on this, our schools today need a breath of informality and respect for students who want the attachment to the predetermined content eliminates the reflexivity and inhibits creativity becoming uninteresting and tedious beyond disregard that we are all philosophers. The philosophy classes should not confine itself to formal education than they thought when the dead alive. This is causing problems from theoretical concerns to those who want to achieve education and achieve philosophical reflection relying on the achievements of the tradition so that no content is presented as if it had value in itself. Since she's philosophy was formed as a response to problems universally valid goals of its time.

KEYWORDS: Informality; Reflection and creativity

A conjectura de um início explosivo

Somos feitos da mesma matéria que nossos sonhos.
W. Shakespeare

Se por vida entendermos conexões energéticas e perenidade sistêmica, então, há vida em todo o universo. A vida da terra e a vida na terra, entre elas a do ser humano, são apenas amostras das infinitas ocorrências acidentais constituintes do cosmo. A especificidade humana é que, distintamente das demais existências, é uma entidade de conhecimento desde antes de seu nascimento até depois de sua morte. Ao mesmo tempo e em simetria com toda a existência presente, ela é o resultado contemporâneo de toda a existência distinta e anterior a si. A autoconsciência humana é a dimensão conhecida mais complexa de toda a transformação da natureza. O cosmo, ao se modificar, engendrou as condições para a existência da vida em suas infinitas formas e, dentre elas, da vida inteligente, em um grau crescente de complexidade. A consciência humana é consciência cósmica, assim, consciência de que a própria natureza engendrou, com o advento do homem, a consciência de si própria. Os eventos da vida e da inteligência, como qualquer outro que tenha ocorrido ou que possa ocorrer, são mais coerentemente compreendidos se atentarmos para a extrema importância do conflito sempre existente entre as possibilidades de efetivação de todo e qualquer evento, até que uma ou algumas formas possíveis objetivamente se efetivem. Tudo o que existe tem em comum a origem no conflito a que a totalidade está submetida. Por sua vez, o conflito é decorrente do descompasso entre a velocidade da luz e o tempo. Na velocidade da luz todos nós, particulares,

estariamos eternizados. Cronos nos acolhe e nos conforta, perenizamos brevemente e a esse instante cósmico chamamos de nossa vida. A luz nos vence, entretanto, envelhecemos e somos reintegrados ao todo, eis o destino de tudo o que é acidental.

Podemos pensar no começo e na ordem de tudo o que há; contudo, não podemos conhecer tal começo e ordem de forma segura, como de resto não podemos conhecer nada de forma absolutamente segura. Talvez isso se deva à nossa recente emergência como parte do cosmo ou esse seja um estado intransponível: aos deuses a *episteme*; aos homens a *doxa*. Quando aceitamos que há 13,7 bilhões de anos houve o *Big Bang*, somos imediatamente invadidos pela pergunta lógica: se no instante imediatamente anterior² à explosão toda a energia estava concentrada de forma a permitir que o universo, como nós o concebemos, tivesse um começo, qual era a disposição dessa energia antes de tal concentração? Então, sem grande esforço lógico, chegamos à tese de que antes havia desconcentração. Podemos daí conjecturar que uma rala poeira cósmica compusesse um estado em que toda a energia cósmica pairava rarefeita, supondo ter havido, então, o choque acidental entre alguns desses mínimos de energia de forma a iniciar um processo de aglutinação crescente e, assim, pela gravidade, o surgimento de pequeníssimos corpos até a constituição de centros gravitacionais em corpos cada vez maiores para, finalmente, a gravidade absorver toda a energia do cosmo e reuni-la em um processo de extrema violência e deformação do estado anterior. Algo semelhante ao que podemos ver ocorrer hoje, graças ao *Hubble*, com as incorporações das menores galáxias às maiores. Um processo semelhante do ponto de vista da disposição da energia pode já ter ocorrido antes da existência daquilo que cientificamente conjecturamos como o começo do universo.

Podemos pensar que o nosso universo é um evento particular, componente de uma eternidade cíclica de concentração e desconcentração de toda a energia existente no cosmo, mas não podemos, contudo, pretender afirmar tal tese como conhecimento. Se hoje podemos perceber as galáxias em um movimento de incorporação, isso, contudo, tanto pode significar que nosso universo continua a se expandir, quanto pode ser evidência de que ele esteja iniciando um retorno à concentração. Uma evidência é sempre relativa à conjectura à qual ela é contraposta em um contexto teórico, pois nunca se pode dela inferir-se a confirmação de uma tese qualquer. O que importa é que se todos os corpos estão se distanciando crescentemente dos demais, desde o *Big Bang*, foi nesse processo que há apenas 4 bilhões de anos a terra foi constituída, ou seja, passaram 9,7 bilhões de anos desde o início do evento que daria origem à nossa existência até a definição do torrão no qual emergiríamos. Um bilhão de anos mais tarde, há 3 bilhões de anos, portanto, surgiram as primeiras células vivas, marcando nosso nascimento biológico.

Agora, pensemos! É claro que tudo poderia ter sido diferente, que outras possibilidades se efetivassem e que, simplesmente, não ocorresse nossa existência e de tudo o que pensamos conhecer. Com um início explosivo e com alta intensidade

² Uso os termos “anterior” e “antes” com significado lógico, entretanto, se suponho eventos que constituíram as condições para o *Big Bang*, então, é legítimo supor o tempo.

nas relações energéticas, tanto na era concebida, como, predominantemente, de radiação, subsequente ao primeiro evento, como nos da idade das trevas e mesmo quando já surgiam as primeiras estrelas e, depois, as primeiras galáxias, sempre houve alta intensidade de destruição acompanhando a definição do estado das coisas. Em nosso lar isso não é diferente, dado que também a terra foi palco de grandes e violentos eventos, a ponto de uma parte de si, a lua, estar separada e orbitando.

Foi nesse ambiente inóspito que houve a transformação desde o átomo inicial até as primeiras células vivas e, depois, aos animais superiores há 70 milhões de anos e, permeados de inúmeros acidentes, como choques de cometas, asteroides e chuvas de meteoritos, há 15 milhões de anos, nossos ancestrais humanos iniciam sua jornada na terra. Longe de um simples processo evolutivo, cada instante da existência poderia ser o último para toda a vida, tanto quanto o foi para inúmeros corpos celestes e inúmeras espécies vivas que, naturalmente, resistiram e, naturalmente, desapareceram. Não há qualquer racionalidade em crer que os eventos efetivamente ocorridos não poderiam não ocorrer. O universo é indeterminado e, assim como cada evento cósmico ocorreu poderia ter ocorrido outro, distinto, cujas consequências implicassem outro rumo para os acontecimentos, da mesma forma a atividade dos homens é indeterminada, e, entre elas, o conhecimento. Quando nossos antepassados inventaram a machadinha de pedra há cerca de 1 milhão e 500 anos, poderiam simplesmente não tê-la inventado, poderiam tê-la feito antes ou passado imensamente mais tempo até isso acontecer.

Somos tanto frutos da ordem como do caos

Toda *ordem* é precisamente uma situação oscilante à beira do precipício.
Walter Benjamin

Se há 60 mil anos o homem chegou ao Brasil ou quando há 8 mil anos domesticou animais e há 5,5 mil inventou a roda, isso só aconteceu por um longo processo no qual seu cérebro estava sendo violentamente exigido na tarefa de encontrar soluções aos desafios da sobrevivência. A linguagem ganhou complexidade e da sinalização e expressão passou gradativa e penosamente a descrever. Para resolver as diferenças entre as descrições, finalmente, a argumentação ganhou importância e, com ela, a crítica. As primeiras civilizações a deixarem seus rastros teóricos no solo da objetividade já são estruturas sociais complexas. Quando elas surgem, há 5,5 mil anos, produzem, como tentativa de ordenar o caos pela imaginação criativa, sistemas abstratos, como o numeral egípcio.

Essa tarefa de ordenação é levada a efeito pelos homens que, com a ajuda dos mitos por um lado e da racionalidade por outro, buscavam respostas às suas inquietações. Mito e razão preencheram o espaço teórico que emergiu no céu da existência da mesma forma que o humano nele surge. Se acreditarmos que há eventos, eles são compreendidos apenas com a aceitação da teoria das propensões aliada à da emergência, pois elas legitimam a aceitação de eventos únicos e não esperados, que, no entanto, ocorrem e deles decorre nova ordem de acontecimentos. Assim, nas disputas entre os impérios as formas de escrita se tornaram novas línguas,

os monumentos foram levantados e derrubados, os jogos olímpicos foram instituídos, houve a criação de grandes cidades, ou seja, todas essas manifestações humanas acabaram por fazer com que os períodos anteriores parecessem parte de um mundo ingênuo ao qual não desejavam voltar. Ao mesmo tempo, todas as construções humanas foram acompanhadas de imensas disputas, de forma que, para que tais obras fossem efetivadas, inúmeras outras concepções de futuro foram vencidas. Sempre os homens concorreram teoricamente entre si para validar suas ideias, tanto quanto cada parte do cosmo teve sua constituição e preservação no confronto com todas as demais. Cada homem é um microcosmo, assim como o todo também a parte é constituída e polida em conformidade com a intensidade da sua existência e a gravidade da sua disputa. Por isso, o que há é singular, nenhum outro se constituiu da mesma forma e, menos ainda, teve as mesmas experiências.

O singular contém um pouco de tudo

Ninguém é igual a ninguém.
Todo ser humano é um estranho ímpar.
Drummond

O homem inventa a filosofia como autoconsciência. Agora ele pensa sobre sua existência e é consciente de seu pensamento, é consciente da vida e da morte e consciente da sua consciência. Em 570 a.C., Xenófanes propôs que as pessoas haviam criado os deuses à sua imagem e semelhança. Sua filosofia inaugura uma tradição crítica responsável por tornar significativamente mais complexo o pensamento racional. Com a crítica aos mitos, nasce a filosofia: o equivalente teórico do embate material originário e a que todos os conhecimentos sempre estiveram submetidos. Esse confronto, responsável pela individualidade de tudo o que há, é, igualmente, resultante da distinção de todas as coisas. Nesse sentido, por exemplo, é que pode ser compreendida a singularidade de cada um dentre os físicos de Mileto. Enquanto Tales defendeu que a água é a origem de todas as coisas, Anaximandro pensou que tudo surge de alguma coisa e se dissolve em alguma coisa que é infinita e, por sua vez, Anaxímenes propôs que o ar e o sopro de ar é a substância básica de tudo. Assim, como não existe energia materializada na mesma forma, igualmente não há atividade teórica que redunde em pensamentos iguais.

Como humanos somos orgânica e teoricamente diferentes e nos relacionamos graças a essas diferenças; por isso, nossa relação teórica, para ser conseqüente, deve primar pela crítica racional, de modo a permitir que haja transformações entre os agentes da interação discursiva. Da mesma forma como temos um DNA orgânico que não se repete, temos uma individualidade teórica decorrente da singularidade e configuração da nossa potência cognitiva, pois somos constituídos enquanto indivíduos cuja personalidade equivale a um DNA cognitivo. Nosso cérebro e nossa mente são duas dimensões intrinsecamente relacionadas e interdependentes; entretanto, a segunda emergiu e transformou a primeira da qual se diferenciou e adquiriu consciência.

Qualquer transformação deve ser compreendida como consistindo em um processo no qual, como foi pensado por Parmênides de Eleia, nada pode surgir do nada e a razão deve poder compreender e ordenar. Para Karl Popper (2001), que valorizou a aventura filosófica dos pré-socráticos, Heráclito, ao apelar para o pensamento, a palavra, o argumento, a razão e, ainda, ao observar que vivemos num mundo de coisas cujas mudanças escapam aos nossos sentidos, embora saibamos que elas mudam, criou dois novos problemas: o da mudança e o do conhecimento. Esses problemas têm a complexidade de ter que se adequar ao princípio, essencial à ideia da mudança, de que aquilo que muda retém sua identidade. Partindo desse problema, Heráclito desenvolveu uma teoria que estabelece distinção entre aparência e realidade. Antes de Parmênides, Heráclito já sabia que, em sua aparência, as coisas são opostas, na realidade, contudo, são iguais e os opostos se identificam, apesar de, para o homem, não parecerem idênticos. Todas as coisas, assim, são partes do processo do mundo, a chama eterna arde em unidade no diverso. Para Parmênides, discípulo de Xenófanes, a mudança proposta por Heráclito seria apenas aparente e não real, pois, se os opostos são, na verdade, idênticos, não seria cumprido o princípio da mudança, que implica a transição entre dois pontos. Parmênides baseou sua teoria, de que o mundo das transformações era ilusório, na premissa lógica de que o que não é não é e inferiu, daí, que o nada, por sua vez, nada é, não existe; logo, o vazio não existe, e o mundo é repleto e único, sem divisão. Conforme Popper (1994), a teoria de Parmênides é a primeira teoria hipotético-dedutiva do mundo. Os atomistas a consideraram assim e refutaram-na baseados na experiência. Aceitando a validade do argumento de Parmênides, inferiram a falsidade de sua premissa a partir da falsidade da conclusão a que chegara Parmênides. Logo, o nada passa a existir novamente e a intermediar as partes diferentes do que é. Existem, então, muitas partes, cada qual plena, una, imutável e indivisível. Portanto, existem os átomos e o vácuo. Essa teoria constituiu tradição e sustentou, até 1900, a afirmação de que a mudança qualitativa se explica pelo movimento espacial de pequenas partes imutáveis de matéria, ou seja, de que os átomos se movimentam no vácuo. Foi Maxwell³ quem deu o próximo passo importante da cosmologia e da teoria da mudança, ao substituir as ideias de Faraday⁴ pela teoria das intensidades variáveis dos campos.

Heráclito de Éfeso afirmou serem as transformações a principal característica da natureza e Anaxágoras sustentou que a natureza é composta por infinitas

³ James Clerk Maxwell (1831-1879) foi professor do Marischal College de Aberdeen e do King's College de Londres. Em 1871, foi nomeado professor de física experimental em Cambridge. Se devem a Maxwell trabalhos fundamentais em eletricidade e magnetismo, bem como investigações em mecânica e sua teoria do calor. Importante, sobretudo, foi sua tese dos campos eletromagnéticos.

⁴ Michael Faraday (1791-1867), físico, químico e filósofo inglês, é considerado o fundador do eletromagnetismo. De origem humilde, em 1813 tornou-se assistente de Sir Humphrey Davy no Royal Institute e, assim, pôde estudar Química. Os seus estudos dizem respeito, sobretudo, à relação existente entre as forças da luz, do calor, da eletricidade e do magnetismo. As suas descobertas constituem a base da moderna indústria elétrica.

partículas minúsculas que contêm um pouco de tudo. Nesses termos, a constante transformação de tudo o que há e o surgimento de novos componentes do mundo como emergindo de elementos existentes anteriormente e distintos dos novos são, concomitantemente, um processo físico, no mundo empírico, como é no mundo teórico, conceitual, linguístico e, assim, nossa subjetividade decorre da relação que estabelecemos com um e com outro desses mundos. Se o que compõe a diversidade do que existe contém um pouco de tudo, somos física e teoricamente o resultado do estado atual de interação, seja dos elementos físicos, seja dos teóricos. A consciência da coemergência do sujeito, do mundo e do conhecimento é a condição para a autoconsciência e, assim, para a consciência da nossa autoconstituição enquanto subjetividade.

A interação orgânica, entretanto, não é pacífica e sim uma relação na qual os agentes fazem valer suas posições e agem objetivamente no meio em que estão inseridos. Todo organismo – da ameba a Einstein – age com vistas a garantir e melhorar sua sobrevivência. Assim, sempre há projeções e ação conforme elas, desde uma árvore que força a passagem de suas raízes entre as fendas das rochas para buscar nutrientes necessários ao seu pleno desenvolvimento, até o cientista, que busca desvendar a constituição do mundo para poder ordená-lo e orientar-se nele racionalmente. Um e outro, porém, não necessariamente encontram exatamente o que esperavam encontrar, de forma que são forçados a se adaptar, adaptação esta constituidora da alteração transformadora e, portanto, da emergência de algo novo e absolutamente não previsível.

A discussão crítica como autoformação

Só é lutador quem sabe lutar consigo mesmo.
Drummond

É provável que a tradição crítica na filosofia tenha sua origem principal na Jônia. Foi uma inovação que representou o rompimento da tradição dogmática, quando havia uma só doutrina nas escolas, substituindo-a pela tradição, que admite uma pluralidade de doutrinas, todas em busca da verdade mediante a discussão crítica. Esse fato levou à tomada de consciência, por parte dos envolvidos, de que nossas tentativas de encontrar a verdade nunca são definitivas, elas podem ser aprimoradas; de que nosso conhecimento é conjectural e consiste de hipóteses e não de verdades certas e definitivas; de que o único meio para nos aproximarmos da verdade é a crítica. Em consequência, surgiu a crítica livre e conjecturas audaciosas, que criaram a atitude racional, científica e a civilização ocidental. O mais racional é a atitude socrática da humildade e a admissão da ignorância. Se perguntados como sabemos, devemos responder que não sabemos, apenas propomos uma suposição e devemos desafiar nosso interlocutor a criticar nossa tese, oferecer contrapropostas e, se o fizer, devemos criticá-las, igualmente.

O advento do conhecimento pode ser investigado à luz da tese da emergência singular e, assim, em articulação com o conjunto das questões centrais da epistemologia. O problema do início do conhecimento se coloca de forma ímpar em

uma proposta evolucionária atualizada conforme o acima exposto. Em conformidade com a teoria da evolução tradicional, se há evolução, não há criação em nenhuma instância do processo. A história toda da inteligibilidade humana constitui a história da superação crítica e a teoria da evolução criativa. A evolução, porém, não é automática e pacífica, cada agente singular desempenha um papel decisivo para alterar sua condição e aquela do meio em que se encontra inserido. A evolução criativa é a crítica da evolução automática e pacífica. Segundo essa visão, a ciência não tem data de nascimento específica, ela redundou de um longo processo de constituição das condições de problematização para responder às dificuldades com que nossa espécie se deparou e, ao mesmo tempo, foi o processo de autoconstrução dessa espécie. Primeiro, com a supremacia dos problemas referentes à ordem material e, gradativamente, transformando-os em intelecções mais complexas, abrangentes e abstratas e até à concepção do absoluto, não, porém, sem considerar constantemente as implicações materiais.

A problematização crítica da ideia de absoluto implica a autodefinição da atividade cognitiva como circunscrita ao universo da racionalidade e coincide com a concepção do princípio de não contradição. Depois do primeiro grande impulso de virtualização da atividade humana, a linguagem falada, o segundo impulso, a escrita, aprofunda radicalmente as condições de racionalização. Porém, o passo mais importante foi dado quando da criação da matemática. Como afirmou Frank Swetz: “a matemática não é algo mágico e ameaçadoramente estranho, mas sim um corpo de conhecimento naturalmente desenvolvido por pessoas durante um período de 5000 anos⁵”. Com ela, o homem colheu o primeiro fruto da sua própria cultura e o sumo desse fruto continua hidratando o processo científico e tecnológico com infinita capacidade. Com a matemática, o homem aprendeu que pode retirar integralmente de si as condições para representar o mundo. O homem desprende-se do peso da pedra de Sísifo e pôs-se a calcular enquanto especulava livremente sobre os modelos geocêntrico e heliocêntrico do universo, em uma atmosfera pré-socrática de intensa criação.

A especialização é o túmulo do filósofo

Aquele que não espera pelo inesperado não o perceberá: para ele o inesperado será impossível de ser detectado e inabordável.

Heráclito

A racionalidade simples e honesta dos pré-socráticos foi o ambiente adequado para a evolução das indagações cosmológicas e críticas. Os teóricos gregos, como a maioria dos pensadores em todos os tempos, procuravam responder a perguntas cosmológicas, mas também a questões relativas à teoria do conhecimento. Eles se interessaram pelo seguinte problema filosófico: como compreender o mundo em que vivemos, nossa responsabilidade perante ele e, portanto, a nós próprios? As respostas, para serem racionais, devem ser cosmológicas e, se a filosofia desiste

⁵ Disponível em <http://sandramat.blogspot.com/2007/12/biblioteca-de-alexandria.html>.

dessa busca, deixa de ser atraente, torna-se especialidade e não admira nem vê os enigmas do mundo. A especialização é mortal para o filósofo – e os pré-socráticos já sabiam disso. Eles foram cosmológicos e um dos aspectos mais importantes daquela filosofia está relacionado, como vemos, ao problema da mudança e sua relação com o problema do conhecimento. A filosofia grega antiga tinha caráter especulativo; por isso, nossa ciência começou com formulações ousadas sobre o mundo e não com observações específicas e empíricas. Dada sua origem, não tem sentido argumentar que os conhecimentos se fundamentam na observação.

A teoria, de Anaximandro, de que a Terra não está sustentada por nada, mas permanece estacionária em função da sua igual distância de todas as demais coisas, que tem duas superfícies e que, enquanto caminhamos sobre uma, a outra está no lado oposto, não é análoga a qualquer coisa que faça parte do campo dos fatos observáveis. Essa é uma das mais ousadas ideias da história do pensamento e que abriu caminho para Aristarco, Copérnico, Kepler, Galileu e mesmo para a teoria das forças gravitacionais imateriais e invisíveis de Newton. Tales, mestre de Anaximandro e o primeiro a discutir a estrutura do cosmo, propôs que a Terra flutuava sobre a água. Anaximandro critica racionalmente a tese de seu mestre e produz uma teoria notável que inicia a astronomia grega com a medição das distâncias entre as estrelas e o cálculo de suas magnitudes. Ele acreditou que o princípio de tudo é o *ápeiron*, algo infinito quantitativa e qualitativamente existente, porém, insurgido e imortal, e que o mundo se fez em contrários autoexcludentes enquanto o tempo demarcava a alteridade entre um e outro dos contrários. Não foi, entretanto, a observação nem a intuição racional que motivaram esse avanço explicativo; foi a crítica especulativa à tese vigente que tornou possível a Anaximandro superar o alcance explicativo de seu mestre. Foi, igualmente, o alcance teórico das ideias gregas antigas que permitiram tão ampla influência e, ao mesmo tempo, tamanha crítica.

A filosofia é multidisciplinar

A filosofia pode ser compreendida como um sistema aberto de conceitos coerentes, autorganizados, dinâmicos e autocríticos para responder, sempre novamente, às questões fundamentais: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Como compreender o mundo em que vivemos e, portanto, a nós próprios?

Um discípulo de Bacon argumentaria que a ciência só aparece quando o método especulativo é substituído pela observação, e a dedução pela indução. Esse argumento, conforme Popper (1994), sugere que as teorias são científicas somente se têm origem em observações ou nos procedimentos indutivos, e mais, que Anaximandro foi filósofo e não cientista. Entretanto, a considerar essa formulação, a definição de ciência ficaria em desacordo com sua efetiva forma de desenvolvimento. A ciência, como de resto todo conhecimento, se desenvolve a partir de problemas, tentativas especulativas de solução e críticas às propostas de solução. Nesse sentido, não há campo teórico que não esteja afeto e, assim, sujeito a

ser incorporado teoricamente nas especulações cosmológicas com as quais buscamos responder aos enigmas do mundo.

A investigação sobre a origem de uma teoria não é tão importante quanto a sua capacidade de explicar, de enfrentar críticas e testes. Há uma continuidade perfeita entre os pré-socráticos e os desenvolvimentos posteriores dos mais variados tipos de ciência, isso porque sempre se tratou do pensamento racional e da imaginação criadora em visões cosmológicas. Mas não interessa classificar as teorias e seus criadores como pertencendo a uma categoria de filósofos, pré-cientistas ou cientistas, pois, apesar de muitas teorias pré-socráticas serem falsas, elas se relacionam com as construções de muitos teóricos posteriores. Até porque uma teoria falsa tem sua importância, podendo sugerir modificações mais ou menos radicais, ou estimular a crítica. Anaxímenes, discípulo de Anaximandro, discordou da noção de *Ápeiron* que, amorfo e sem limites, podia ter movimento, e substituiu-o pelo termo ar, também amorfo e ilimitado, porém capaz de movimentar-se e ser o principal agente de movimento e de mudança. Afirmou, igualmente, que o sol é constituído de terra que se aquece devido à velocidade de seu movimento, refez a resposta de Tales e não compreendeu Anaximandro. Sua preocupação com a empiria e a sistematização levou-o ao ecletismo.

Em Heráclito, encontramos a concepção de que tudo está em fluxo, e nada permanece em repouso. De que somente existem processos, e não corpos sólidos, mas fluxos como o fogo, uma corrente de matéria, que, embora tenha forma definida, está sempre em movimento. De que a estabilidade não é real, mas aparente, e se deve às leis e medidas às quais estão sujeitos os processos no nosso mundo. Heráclito afirma que a sabedoria consiste em admitir que todas as coisas são uma só, um fogo eterno, flamejando e morrendo em graus diferentes. Assim, tal qual a cosmologia física de Heráclito, podemos conceber a própria filosofia, que deve ser uma teoria do todo, uma cosmologia capaz de abarcar a totalidade instável e conflitante de todos os saberes.

Pensar em uma filosofia, buscar entender, apreender ou produzir uma filosofia, como fazem os teóricos especificamente da filosofia depois de certo tempo de estudo ou os estudiosos de outras áreas quando ultrapassam seus limites disciplinares e alcançam a maturidade teórica, implica estabelecer uma relação teórica entre tudo o que há no universo, incluindo a nós e nossos conhecimentos. Uma filosofia deve ter a característica distintiva de ser constituída em uma ou um conjunto de obras que tenha a extraordinária amplitude capaz de abarcar e integrar os conteúdos de interesse e influenciar desde a política à crítica de arte, passando pela antropologia, ética, história da filosofia, estado, direito, mente, linguagem, estética, religião, lógica, teoria do conhecimento e educação.

Todas essas dimensões do saber humano devem poder ser conjugadas de forma inter-relacional e constituir uma cosmologia, um sistema teórico aberto, racional, objetivo e falível, mas não contraditório, de saberes. Quando há teorias abrangentes e ricamente constituídas por diversas dimensões da realidade, a disposição dos atores de cada área específica, o vigor intelectual e a consequência dos raciocínios se faz notar, o mundo tem sentido e se torna compreensível.

O filosofar eterniza o humano

A filosofia não passa de uma *poesia* sofisticada.
Montaigne

Em cada geração há, pelo menos, uma nova filosofia, uma nova cosmologia com originalidade e profundidade, e o segredo está, de acordo com Popper (1994), na tradição da discussão crítica. Em quase todas as civilizações encontramos o ensino religioso e cosmológico e, em muitas sociedades, há escolas que possuem estrutura e função características, que divulgam uma doutrina definida e preservam-na pura e imutável. A função dessa escola é passar adiante as doutrinas em obediência aos seus fundadores e primeiros mestres, por isso é importante manter a doutrina inviolada. Em escolas assim, não são aceitas ideias novas e o membro que tentar inovar será expulso. Nesse tipo de escola, não há discussão racional. A doutrina é defendida mediante assertivas, dogmas e condenações, e não com argumentos. A maioria das escolas gregas, entretanto, era diferente desse tipo dogmático. A filosofia grega aceitava ideias novas que eram expostas, resultando em crítica aberta. Ao invés de anonimato, temos uma história plural de ideias e daqueles que as geraram, é uma filosofia livre e criativa, que se explica pelo surgimento de uma tradição que permite e estimula a discussão crítica entre várias escolas e não a preservação de uma determinada escola. Em lugar disso, observamos mudanças, novas ideias, modificações e crítica aberta aos mestres.

A discussão crítica ou racionalista é, assim, o único meio praticável para expandir o conhecimento conjectural ou hipotético e só há duas maneiras de uma teoria ser superior a outra: explicar melhor e poder ser melhor testada. Não há um processo que comece pela experiência ou pela observação, como propõem os que acreditam no mito de Bacon. No desenvolvimento da ciência, as observações e experiências têm apenas a função de argumentos críticos, desempenhando essa função ao lado de argumentos não observacionais. Por essa razão, nossas tentativas de conhecer o mundo devem se dar através do exame crítico de teorias, pois o significado das observações e experiências depende inteiramente disso. A verdadeira teoria do conhecimento foi compreendida, segundo Popper (1994), por Galileu e Einstein, que perceberam que não existe o procedimento indutivo e que o conhecimento se processa através de conjecturas e refutações. Essa era a visão dos pré-socráticos. Para Sócrates, no entanto, a busca da verdade pela discussão crítica era um modo de vida. O rigor racional desse novo passo na direção da virtualidade sistêmica foi exigido como nunca antes e, ao mesmo tempo, a disposição de autolibertação constituiu uma atmosfera luminosa, e com essa luz, inúmeros novos frutos surgiram nos campos da arte, literatura, política, ética, física, lógica e tantos outros.

Como todo estado de coisas traz em si o germe de sua própria destruição, a restrição das conquistas civilizatórias da Grécia antiga a uma elite – única capaz de acompanhar e se inserir positivamente no processo – permitiu a supremacia de uma

proposta civilizatória rebaixada. A plebe ignorante se rebelou e, lançando mão de um platonismo vulgarizado, transformou as escolas filosóficas em mosteiros, destruiu a biblioteca de Alexandria – somente reinaugurada em 2002 – e julgou impossível e indesejável suplantar a verdade revelada. Muitas formas de autoflagelação foram exercidas pela cultura humana e o sumo do fruto teórico que, com ousadia, o homem colheu foi usado para alimentar uma única tese: o geocentrismo. Não foi dado o menor crédito à tese gêmea que se encontrava já em Eratóstenes e Aristarco muito antes da invenção do cristianismo – a qual somente Copérnico, lendo textos platônicos, pôde resgatar muito tempo depois. Por isso, é engano pensar que as teorias filosóficas morrem, elas não morrem mesmo quando os algozes as fazem em pedaços e as enterram. Uma vez criadas, as teorias se fundem e se confundem com a própria humanidade e, desta, farão parte para sempre. Por isso, a legítima e elevada forma de eternidade a que os homens podem se dedicar é à construção teórica. O homem é eterno quando pensa, e, quando pensa, o faz no tempo lógico e não no cronológico e, assim, *cronos* não o alcança.

Somos todos filósofos

Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que,
com frequência, poderíamos ganhar,
por simples medo de arriscar.
W. Shakespeare

Todos os seres humanos são constituídos e orientados, tanto em sua espiritualidade mais sensível, quanto em suas manifestações corporais mais violentas, por elementos filosóficos. Carregamos culturalmente uma amostra positiva e, igualmente uma negativa de todo o passado teórico e, por isso, somos todos filósofos. Quando continuamos as obras dos pensadores do passado ou quando estamos impregnados de preconceitos filosóficos, ainda assim, constituímos o ambiente da filosofia, temos uma unidade cosmológica. Foi por isso que houve, outra vez, conflito e, quando isso se efetivou, deixou de reinar a paz dos túmulos e o vigor teórico retornou. Constituiu-se a ciência moderna, fruto de uma imensa tarefa de construção especulativa, a qual, seguida pela verificação crítica que lançou mão de toda instrumentalidade cognitiva disponível, apontou as contradições do sistema e impôs reconstruções criativas. As interrogações tradicionais da filosofia tratam dos temas que inquietam e sempre, novamente, implicam respostas das quais as ciências particulares se utilizam e delas retiram consequências empíricas. As ciências nascem duplamente, portanto, com o homem: elas se identificam com o próprio processo de autoconstrução, de autoemergência do homem ao reino do ciente, e resultam, também, como resposta racional aos desafios que as grandes questões cosmológicas representam. Mesmo assim, não é filosófico crer em teorias, sejam elas universais ou parciais, pois a legitimidade racional é conquistada pela crítica teórica radical.

A seguir, relacionamos algumas das concepções que julgamos serem as mais importantes e cujas fontes teóricas variáveis são, majoritariamente, transmutações atribuídas ao racionalismo crítico e, mais especificamente, a Karl Popper: 1. Todos

somos filósofos; 2. Não há elite filosófica profissional ou acadêmica. Os pré-socráticos filosofaram muito bem sem a filosofia profissional ou acadêmica. Os mais doutos podem ser os mais irracionais; 3. A filosofia não é acadêmica, é humana. Hoje a filosofia é desmedidamente acadêmica e, no entanto, perde espaço nos grandes debates no mundo todo. A filosofia acadêmica tem reproduzido ou debatido filigranas enquanto as grandes questões cosmológicas que dizem respeito a todos os seres e saberes foram relegadas ao segundo plano no âmbito acadêmico; 4. A filosofia contemporânea tem sido surpreendida por cientistas, artistas, linguistas, matemáticos, entre outros, que constituem entendimentos filosóficos relevantes. Darwin, Newton e Einstein, ou mais recentemente, Deutsch, Maturana, Smolin e De Duve, são alguns dos testemunhas de que a filosofia não é autossuficiente ou pura. Seus programas de pesquisa cosmológicamente metafísicos, abrangem tudo o que há; entretanto, relacionam proximamente a teoria do conhecimento e permitem simetrias com os campos específicos; 5. A demarcação entre a filosofia e os demais saberes é ainda mais artificial do que aquela entre as ciências. Nenhum fenômeno pode ser compreendido por uma forma particular de conhecimento e não há nada que fuja à filosofia; 6. A antimetafísica é antifilosófica. Devemos começar movidos pelos desafios patrocinados pelas limitações à nossa existência e ao nosso entendimento, produzir conjecturas cosmológicas e constituir, assim, os problemas filosóficos. Destes decorrem, tanto as interrogações específicas, quanto as ideias para respondê-las provisoriamente. No entanto, a metafísica, enquanto tal, não é antagônica ao pensamento racional e falseável, seus componentes não dogmáticos são aptos à especulação e ao entendimento e podem ser criticados racionalmente. Assim, com exceção das concepções teológicas, cuja defesa de fundamentos inquestionáveis impede a crítica radical, a metafísica pode ser objeto de apreensão racional; 7. A filosofia é busca de precisão e exatidão, bem como é busca por fundamentos ou estruturas conceituais; entretanto, quando o teórico pretender ter encontrado tais fundamentos, já não é mais filósofo, é doutrinário, dogmático, embrutecedor. A certeza conduz a Auschwitz e a dúvida leva ao esclarecimento, à emancipação e à liberdade; 8. A filosofia não pretende revelar o espírito da época, o inconsciente, a subjetividade. O filósofo deve problematizar as superstições, não criá-las ou aboná-las; 9. A filosofia é crítica às teorias e preconceitos filosóficos presentes na cultura humana e, por isso, deve refutar, por exemplo, a tese homérica de que “a inveja dos deuses causou a desgraça de Troia”, ou que “Poseidon, irado, tentou evitar o retorno de Odisseu”. Igualmente, deve refutar a tese cristã de que “o demônio é responsável pelo mal”, assim como a tese marxista vulgar de que “os capitalistas impedem a sociedade perfeita”. Isso porque a teoria da conspiração não é crítica e, com tais concepções, perdemos a oportunidade de aprender e contrapor nossos adversários teóricos. Ao buscarmos culpados, paralisamos a reflexão, posto que a culpa é um conceito teológico não reflexivo; 10. Se hoje existe filosofia, é porque o pensamento crítico vence o dogmatismo e permite a unidade da humanidade na racionalidade comum, que busca a liberdade. A intelectualização não é um capricho, mas uma necessidade humana natural; 11. A filosofia permite a interação racional entre todos os saberes, o vínculo objetivo entre os programas metafísicos e as abordagens

específicas em campos determinados de conhecimento; por isso, ela é uma disposição ao uso da razão crítica e está presente como uma dimensão de todas as áreas do conhecimento; 12. A filosofia é a possibilidade da autoconstrução constante da humanidade, mas não é sua garantia, não há garantias, nada está garantido ou salvo da ignorância que é sempre imensamente superior à sabedoria; 13. A especialização é o túmulo do filósofo.

A filosofia e a escola

Educar-se é vislumbrar a imensidade da nossa ignorância.
Popper parafraseando Sócrates

Richard Bailey, do Christ Church College, Canterbury, escreveu um artigo intitulado *Karl Popper as Educator*, segundo o qual Popper era mais alinhado com os educadores progressistas, pois não aprovava o currículo nacional vigente no sistema educacional austríaco. No período em que trabalhou como professor na educação básica em Viena, sua discordância com o sistema devia-se ao fato de que os conteúdos ensinados estavam excessivamente distantes dos interesses das crianças e dos educadores. Nenhum dos agentes educacionais, portanto, se envolvia intensamente com os conteúdos por não terem proposto nenhuma das questões a que aquelas respostas teóricas ensinadas pretendiam sanar. Por isso, pode-se observar que, quando os interesses dos segmentos constituintes da atividade educacional não são respeitados, a atividade passa a ser desinteressante e burocratizada. Na passagem seguinte Popper evidencia que desde a primeira infância, o ser humano é uma entidade linguajante complexa.

Um bebê começa fazendo barulhos muito simples. Ele nasce com o desejo de copiar, de fazer expressões linguísticas mais difíceis. A coisa mais decisiva é que aprendemos a fazer coisas fazendo-as, nas situações apropriadas, inclusive em situações culturais: aprendemos como escrever e como argumentar (1995, p. 69).

Os interesses das pessoas são mais importantes do que o conteúdo que se pode ensinar. O mais valioso em educação é que a criança aprenda a interessar-se pelo que quer que seja e, então, busque conhecer, desenvolvendo a linguagem necessária e, ao mesmo tempo, satisfazendo prazerosamente suas curiosidades. De qualquer maneira, não se pode saber de quais conteúdos ela irá necessitar no futuro; entretanto, podemos afirmar que, se a criança souber tomar algo como objeto de interesse e investigar profundamente, saberá fazê-lo quando necessitar. Nada substitui a habilidade de pesquisa e tão somente ela leva à autonomia, à liberdade teórica e ao prazer intelectual. Isso porque, tanto as referências para o conhecimento como o saber objetivo sobre o objeto de interesse, são criações do investigador para sanar necessidades ímpares, as curiosidades específicas do indivíduo.

O sistema educacional deve prever uma escola na qual as crianças sejam poupadas dos dissabores das respostas às questões que não são suas. Deve haver uma aposta na

geração que emerge na vida escolar, de forma a que a escola seja um espaço para tratar dos interesses e necessidades teóricas das crianças, como um embrião de uma comunidade de pesquisa. O interesse dos estudantes deve ser estimulado com o desenvolvimento de suas habilidades em função das questões que a eles são caras e excitantes. Assim, concordante com Kant, os resultados da atividade cognitiva serão úteis à vida dessas pessoas e constituirão sua formação e emergência teórica.

Há um conjunto de questões às quais o professor deve estar atento e ensinar, sob pena de não cumprir com sua obrigação. A leitura, a escrita e a aritmética são componentes da formação inicial que devem ser ensinados mesmo que dogmaticamente, por estarem em relação com a futura atitude crítica ou dogmática. Pode-se dizer que tais elementos, no sistema educacional, constituem certo estágio em que as crianças precisam de certo grau de dogmatismo. Elas *querem* ser ensinadas.

Chega o momento, entretanto, em que as crianças fazem perguntas inteligentes. Assim, a indicação ao professor do tipo de tratamento, dogmático ou não dogmático, será fornecida naturalmente pela criança. É nesse momento que a perspicácia do professor deve fazê-lo perceber que o estudante ingressou em uma situação formativa mais complexa e autônoma e que está em condições de ser realmente crítico. Ademais, qualquer atitude crítica pressupõe certa evolução da criança. E uma das tarefas interessantes do professor é perceber o quanto cada criança em particular é capaz de ser ensinada. Em outras palavras, as respostas teóricas dependem do alcance variável da linguagem do estudante e de seus interesses variáveis.

A habilidade fundamental de estimular e apoiar os educandos na busca por atender seus interesses linguísticos e teóricos cognitivos não é, entretanto, algo que se encontra universalmente entre os professores. Muitos professores estão mais interessados em, e lhes é mais fácil, ignorar as sinalizações emitidas por seus alunos em seus questionamentos. Quando isso acontece, a frustração, o tédio e a amargura são as consequências para o estudante e para o educador, que perde a atenção dos estudantes.

Toda criança normal adquire uma linguagem através de trabalho ativo, agradável e talvez também penoso. A realização intelectual que a acompanha é muito importante. Esse esforço produz, sem dúvida, um forte efeito de feedback na personalidade da criança, nas suas relações com outras pessoas e nas suas relações com o seu meio ambiente material (POPPER, 1995, p. 74).

Segundo Baileu, “para Popper, bons professores são a solução para os problemas educacionais, enquanto os professores ruins são a causa de muitos problemas educacionais” (p.2). Aqueles possuidores de convicções irrefletidas sobre a realidade, ideologicamente inamovíveis, sejam quais forem suas ideias, são inaptos, por estarem desprovidos da necessária abertura ao novo. Estão, seguidamente, apegados à autoridade conferida pelas experiências do passado, comportam-se como profetas ao invés de professores. Como afirmou, entretanto, Eurípedes: o esperado não se cumpre e, ao inesperado, um deus abre o caminho. Estar atento a uma tal

concepção ajudaria imensamente a reverter o dogmatismo em esclarecimento e autonomia. A inaptidão de tais professores decorre do fato de esperarem o previsível e castrarem as expectativas das crianças; por isso, esses professores devem ser substituídos por outros que possam ser menos danosos aos estudantes. A postura de Popper a esse respeito é nada complacente, ele afirma que

a coisa mais importante é fazer o possível para afastar os maus professores da escola. Professores amargurados amarguram as crianças. Devemos criar uma forma para essas pessoas saírem. Então, em seu lugar virão jovens professores com algum talento, alguma capacidade de construir um relacionamento com as crianças (POPPER, apud BAILEU, 1995, p. 03).

Além dos maus professores e dos que, apesar do esforço, não têm talento e por isso devem ser incentivados a mudar suas práticas, há também uma concepção equivocada quanto ao processo de aprendizado: a aceitação irrefletida de que as crianças aprendem por indução. Assim como os professores alimentam a crença de que os anos de trabalho, automaticamente, lhes confere previsibilidade e infalibilidade, por crerem na indução entendem, igualmente, que os estudantes seguem um processo progressivo no qual os conhecimentos anteriores são a base para os seguintes, que as crianças aprendem por indução. Por essa crença equivocada na correção e aplicação da indução é que os professores forçam conteúdos sem que eles venham em respostas às aspirações teóricas naturais das crianças. Distintamente, a constituição teórica da criança, tanto quanto do adulto, é um produto de si mesmo, são de sua própria realização as referências constituídas para com elas apreender o mundo. Desde a habilidade na fala à sua consciência de si, a personalidade é emergência interativa com a percepção que, fruto da emergência, retroage na formação subjetiva do estudante.

A distância entre os conteúdos e os interesses constituintes da emergência dos estudantes somente podem ser vencidos se os professores estimularem as crianças a levantar problemas e a discutí-los. Desta forma, o aprendizado seria sem tédio e a preocupação estaria dirigida à autoformação e ao esclarecimento autoconstrutivo do educando. Somente de uma escola que prima pela autonomia na formação teórica dos jovens, pode emergir intelectuais aptos a uma compreensão consequente do universo e do nosso lugar nele. Uma escola com compromisso formador e não conteudístico é capaz de permitir ao estudante compreender que do que se trata em educação é da reinvenção da subjetividade humana de cada um. A educação é a formação que permanece quando as pessoas deixam a escola, assim, a pesquisa e a aptidão para o debate crítico e criativo implicam atenção à individualidade e respeito às diferenças de toda ordem entre as crianças. A atenção aos elementos que permitam a consciência da caminhada teórica permite, também, a consciência dos seus próprios desafios em um ambiente de autonomia, autorresponsabilidade e emergência teórica, necessários para o pleno desenvolvimento do potencial humano presente em toda criança.

Referências bibliográficas:

BAILEY, R. “Karl Popper as Educator”, In: *Interchange*, Vol. 26/2, p. 185-191, Kluwer academic publishers. Printed in the Netherlands. 1995.

HAWKING, S. *The universe in a nutshell*. A Bantam Book, 2001.

POPPER, K. *Unended quest*. London/New York: Routledge Classics, 2002.

_____. *Conjecturas e refutações*. Tradução de Sérgio Bath. 3. ed. Brasília: UnB, 1994.

_____. *The World of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment*. London/New York: Routledge Classics, 2001.

_____. *O eu e seu cérebro*. Tradução de Silvio Meneses Garcia, Helena Cristina Fontenelle Arantes e Aurélio Osmar Cardoso de Oliveira. Campinas: Papirus; Brasília: UnB, 1995.